

# ENTRE VERSOS, PROSAS E POESIAS: A IMPORTANCIA DA ARTE NA SOCIABILIDADE JUVENIL

## BETWEEN VERSES, PROSES AND POETRY: THE IMPORTANCE OF ART IN JUVENILE SOCIABILITY

Bruna Carolina Bonalume 1  
Jéssica Pereira Manelli 2

**Resumo:** O presente artigo trata-se de uma reflexão teórica baseada no relato de experiência profissional das autoras no projeto sociocultural SambaVida, localizado no interior paulista e tem como objetivo discutir as contribuições das vivências artísticas no processo de formação pessoal, social e cidadã de adolescentes e jovens. As discussões postas emergem, portanto, do cotidiano, da experiência empírica, sendo esse o lugar de fala de onde partem intencionalmente essas narrativas e reflexões teóricas. É esse cotidiano que nos revela que a arte e suas múltiplas expressões possibilita a esses sujeitos, à reflexão e construção de conhecimentos sobre o mundo que os cercam. Essa perspectiva reside no reconhecimento de que uma vivência cultural é expressa de diferentes formas e possibilita aos adolescentes e jovens à reflexão e o despertar da consciência crítica, o que amplia as possibilidades de resignificarem os espaços que vivem e sua colocação nesses contextos, como protagonistas da própria história.

**Palavras-chave:** Adolescência. Juventude. Manifestações Artísticas.

**Abstract:** This article is a theoretical reflection based on the report of the authors' professional experience in the socio-cultural project SambaVida, located in the interior of São Paulo and aims to discuss the contributions of artistic experiences in the process of personal, social and citizen formation of adolescents and young people. The discussions put in, therefore, emerge from the everyday, from the empirical experience, this being the place of speech from which these narratives and theoretical reflections intentionally start. It is this daily life that reveals to us that art and its multiple expressions allows these subjects to reflect and build knowledge about the world around them. This perspective resides in the recognition that a cultural experience is expressed in different ways and allows adolescents and young people to reflect and awaken critical awareness, which expands the possibilities of resignifying the spaces they live in and their placement in these contexts, as protagonists of history itself.

**Keywords:** Adolescence. Youth. Artistic Manifestations.

---

Assistente Social - Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Campus de Franca. Instituição de vinculação: UNIFAC- FIB'S- Botucatu e Projeto SambaVida - São Manuel-SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9027325114618287>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4109-5435>. E-mail: [bruna.bonalume@hotmail.com](mailto:bruna.bonalume@hotmail.com) 1

Psicóloga residente do Programa Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho - Faculdade de Medicina de Botucatu. Instituição de vinculação. Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho - Faculdade de Medicina de Botucatu e Projeto SambaVida - São Manuel-SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5945403077060592>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0258-886X>. E-mail: [jessica.manelli@hotmail.com](mailto:jessica.manelli@hotmail.com) 2

## Introdução

Olhou para o trapiche. Não era como um quadro sem moldura. Era como a moldura de inúmeros quadros. Como quadros de uma fita de cinema. Vidas de luta e de coragem. De miséria também (JORGE AMADO, CAPITÃES DA AREIA, 2008)

Concebidos como sujeitos de direitos, a infância, adolescência e juventude no Brasil tiveram sua cidadania incorporada na agenda dos atores políticos e nos discursos oficiais muito recentemente, em função das lutas dos movimentos sociais no bojo da elaboração da Constituição de 88. Como decorrência da Constituição, em 13 de julho de 1990 foi promulgada a Lei 8069 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A partir desta, as concepções de infância e adolescência modificam-se e passam a significar sujeitos em situação peculiar de desenvolvimento e pessoas portadoras de direitos fundamentais.

O ECA adota critérios cronológicos para definir a adolescência, sendo que esta compreende a fase dos 12 aos 18 anos incompletos. O Estatuto da Juventude (EJUVE) (BRASIL, 2013), promulgado mais recentemente, no ano de 2013, define a juventude como as pessoas entre faixa etária de 15 a 29 anos. Para além das delimitações etárias, os termos adolescência e juventude, ora guardam entre si semelhanças, ora acentuam-se as diferenças, ora traduzem uma disputa por abordagens distintas. A revisão da literatura nos permite dizer que não há consensos entre as diversas áreas do saber, assim como essas semelhanças e diferenças nem sempre são esclarecidas.

Abramo (2005, p. 43) alerta para o fato de que é preciso falar de “juventudes, no plural, e não de juventude, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição”. Nessa mesma perspectiva como Bock (2004, p.42) destaca a pluralidade também da adolescência, pois, “não há uma adolescência, como possibilidade de ser; há uma adolescência como significado social, mas suas possibilidades de expressão são muitas”. Nota-se, então, que não se pode atribuir a essas categorias, um sentido ou conceito único, já que ambas se apresentam na contemporaneidade de forma multifacetada.

Diante do exposto, entende-se a necessidade e a importância de compreender as categorias adolescências e juventudes a partir de uma perspectiva histórica, na sua totalidade e na mediação com os aspectos micro e macrosociais, uma vez que essas se configuram a partir de traços marcantes do contexto e da realidade social, sobre o agravante da interferência capitalista que a todo tempo modifica e altera a natureza das relações sociais, políticas, culturais e econômicas, atingindo sobremaneira essa população. Portanto, para compreender essas categorias para além das perspectivas naturalizantes e das aparências, se faz necessário o olhar para a pluralidade que envolve esses sujeitos sociais, reconhecendo que esses estão inseridos na luta de classes, que define os lugares a serem ocupados nessa falaciosa sociedade capitalista.

Por essa razão, intencionalmente, iniciamos essa discussão com a obra de Jorge Amado. Publicada em 1936, narra a trajetória de vida de meninos, que entre tantos outros, vivem a aridez das precárias condições de vida, da pobreza, dos rebatimentos de uma sociedade dividida em classes. E o que a obra tem em comum com as categorias adolescências e juventudes aqui em análise? Ora, as múltiplas determinações sócio-históricas que perpassam a vida de cada um dos ‘capitães de areia’, cada qual no seu tempo e no seu território, mas carregando consigo as marcas de uma sociedade demarcada pelas desigualdades sociais e pela intensificação das expressões da questão social.

Para Yamamoto (2001), a questão social diz respeito ao conjunto das expressões das desigualdades sociais engendradas na sociedade capitalista, na qual a classe trabalhadora, por meio da sua força de trabalho, produz riquezas e bens que serão apropriados e acumulados por uma dada classe dominante, em um contexto em que acumulação de capital não equivale de forma alguma à lógica de equidade social. Portanto, a questão social é uma categoria que

expressa a contradição fundamental do modo de produção capitalista.

Desse modo, as expressões da questão social, demandam enfrentamento, como forma de intervir na realidade social, mais do que nunca, é necessário trilharmos novos caminhos e outra direção social que possa subverter a lógica do tempo presente, fomentando assim processos sociais emancipatórios. Nesse sentido, a arte e suas múltiplas formas e manifestações podem contribuir com o desvendamento dos fenômenos sociais e com o despertar da consciência crítica dos sujeitos sociais. Isso porque, a arte tem a possibilidade “de questionar verdades cristalizadas na vida cotidiana, exercendo um papel transformador na sociedade, isso porque age diretamente na autoconsciência da humanidade” (SCHERER, 2013, p. 62).

Com base nessas discussões iniciais, o presente artigo trata-se de uma reflexão teórica baseada no relato de experiência profissional das autoras no projeto sociocultural SambaVida, localizado no interior paulista e tem como objetivo discutir as contribuições das vivências artísticas no processo de formação pessoal, social e cidadã de adolescentes e jovens. As discussões e reflexões postas se constituem o nosso ‘lugar de fala’, ou seja, é a partir do cotidiano, da experiência empírica que partem intencionalmente nossas narrativas e reflexões teóricas. É esse cotidiano que vai nos revelar que a arte e suas múltiplas expressões possibilita aos adolescentes e jovens, à reflexão crítica e a construção de conhecimentos sobre o mundo que os cercam. Essa perspectiva reside no reconhecimento de que uma vivência cultural é expressa de diferentes formas e possibilita aos adolescentes e jovens à reflexão e o despertar da consciência crítica, o que amplia as possibilidades de ressignificarem os espaços que vivem e sua colocação nesses contextos, como protagonistas da própria história.

## Abrindo as cortinas

O SambaVida, trata-se de um Projeto Sociocultural desenvolvido e idealizado pela Associação Atlética Banco do Brasil, voltado a comunidade do bairro São Geraldo e seus arredores no município de São Manuel (SP). A proposta consiste na oferta de atividades artísticas-culturais junto ao público infanto-juvenil com o objetivo de favorecer a promoção e a garantia dos direitos da criança e do adolescente, através do acesso à cultura, tendo em vista o desenvolvimento e crescimento de suas capacidades físicas, afetivas, educacional e social, assim como o pleno exercício de cidadania e acesso aos direitos sociais que lhes são inerentes. O SambaVida ainda propõe: ampliar o acesso e o envolvimento de crianças e adolescentes com diferentes atividades artísticas; incentivar a frequência escolar; contribuir com o processo de ensino aprendizagem do público envolvido, através do desenvolvimento de habilidades e potencialidades artísticas; promover o contato constante com a arte e valorizar a convivência escolar, familiar e comunitária. E, por fim, o projeto visa ainda possibilitar a participação popular através da oferta do acesso gratuito às atividades artísticas tendo em vista a democratização do acesso à cultura.

O SambaVida trabalha com 110 crianças, adolescentes e jovens e sua proposta de trabalho foi sendo tecida e construída coletivamente ao longo dos treze anos de atuação, tendo como base o saber popular, a cultura local, bem como o contexto sócio-histórico do território em que a Entidade atua. Desse modo o SambaVida vem realizando suas atividades a partir de 3 eixos norteadores, sendo estes:

**I - Formação:** está organizado em duas áreas: a artística e a cidadã, que se relacionam entre si. A formação artística consiste na oferta de oficinas nas áreas de teatro, dança, canto/ coral, capoeira e música. Essas oficinas abrem espaços para a expressão da coletividade, criatividade, imaginação, criação de textos dramáticos, composições de letras e arranjos musicais que se materializam em espetáculos, que são compartilhados com a população em diferentes espaços sociais.

No que se refere à formação cidadã, as atividades se subdividem em: **Grupos de Convivência:** voltado para adolescentes e jovens e tem como objetivo estimular a participação desses, na gestão, organização e desenvolvimento do trabalho no SambaVida, como forma de possibilitar o engajamento social e o desenvolvimento crítico dos integrantes. Além disso, oferece um espaço de debates de temas do cotidiano desses adolescentes e jovens e visa um

espaço de formação e também de escuta qualificada das questões que atravessam o convívio social desses sujeitos. **Grupo de representantes** - visa propiciar uma gestão compartilhada do SambaVida e a formação de lideranças. Desse modo os representantes são eleitos dentro de cada área artística pelos integrantes e são organizados em dois grupos, um infantil para debater os interesses das crianças e outro juvenil para debater as pautas envolvendo os adolescentes e jovens.

**II - Difusão-** Corresponde ao acesso da população à produção cultural obtida por meio das oficinas, workshops e debates, sendo esta considerada de grande importância para aproximar a riqueza cultural principalmente dos locais de pouco acesso às manifestações artísticas. As atividades previstas nesse eixo consistem em: **Ensaaios abertos** - que consiste no compartilhamento do trabalho desenvolvido com a comunidade local. Assim, propõe-se que através desse espaço de trocas, se valorize o saber popular, as experiências dos sujeitos sociais, para que não seja somente um expectador, mas se reconheça também como parte do trabalho, com possibilidades de expressar opiniões, de imaginar, de criar e principalmente de vivenciar a arte em sua forma plena de criação, tendo em vista a importância desses aspectos para o exercício de participação popular. **Sarau** - De forma geral, o sarau é uma criação social, um lugar onde pessoas, podem expressar aquilo que elas produzem. O sarau também é um local onde se transmite conhecimento, ainda que de maneira informal, podendo, assim, participar no processo de construção do pensamento do indivíduo em vários aspectos. – **Apresentações** Consiste na circulação dos trabalhos culturais produzidos nas oficinas de Teatro, Dança, Música, Canto/Coral e Capoeira em diferentes espaços no município, sobretudo na comunidade em que o SambaVida está inserido e também nas Escolas Municipais. Sobre o acesso democratizado, faz-se necessário enfatizar que a Constituição Federal de 88 em seu art. 215 colocou a cultural como direito social e todos e todas e a partir desse marco legal foram estabelecidas políticas públicas no âmbito federal, estadual e municipal. No entanto, esse referencial legal não garante sua efetividade, sua qualidade e muito menos seu acesso, principalmente, à população situada em contextos periféricos.

**III – Intercâmbio** - Consiste no estabelecimento de relações de troca e de proximidade com diferentes grupos e com os municípios da região por meio de encontros previamente agendados afim de possibilitar a troca de experiências e vivências artísticas- culturais.

Feitas essas aproximações iniciais, nossa imersão passa a ser agora as experiências, reflexões e discussões que emergem a partir da vivência e da experiência de trabalho no SambaVida.

## **A arte no território: significados e possibilidades**

O SambaVida está inserido em um território que abrange três bairros considerados periféricos que conta com uma população de um pouco mais de seis mil pessoas, conforme dados do mapeamento de saúde do município. Importante destacar que esse território é um dos que mais sofre, no município, com os rebatimentos da pobreza e todas as suas múltiplas expressões: afastado do centro da cidade, populoso, precarizado tanto no que se refere à infraestrutura como também na oferta de equipamentos públicos, serviços, programas e projetos, culminando em maiores riscos e vulnerabilidades sociais.

Essa desassistência não está desatrelada da história, pois ao longo do tempo e processo de constituição desses bairros, revelam-se um pretencioso silêncio social e o distanciamento das políticas sociais. A título de exemplo pode-se destacar que, a primeira intervenção pública ocorreu apenas trinta anos após o surgimento das primeiras moradias. Estas, por sua vez, emergiram principalmente com a decadência das fazendas que predominavam na economia do município até a década de 1970, assim, o território possuía terrenos com preços acessíveis, pois não apresentava nenhuma infraestrutura. As moradias eram feitas de papelão, latas de óleo, madeira; o bairro não dispunha de energia elétrica, água, esgoto ou asfalto e tais condições criaram um forte estigma que passou a ser vinculado à pobreza e à violência até hoje.

A vivência do SambaVida ao longo desses 13 anos de trabalho, foi nos revelando as mais duras e cruéis experiências de preconceito estigmas de violência e pobreza fortemente

vinculados ao território. Isso porque esses territórios periféricos acabam sendo impregnados de estigmas que cristalizam a ideia desses espaços, como um 'reduto' das então 'classes perigosas'. A essas caberá, no bojo de uma sociedade dividida em classes, um ostensivo projeto de vigilância e controle propagado sobretudo pelas agências de segurança pública do Estado. Desta forma, estão dadas as condições para o processo de criminalização da população mais pobre ao passo que se mantém o silêncio intencional em relação a outros grupos sociais, temos portanto dois lados de uma mesma moeda, pois ao passo que se intensificam as expressões da questão social nesses territórios, ampliam-se as formas de controle sociopenal, de violência, de desigualdade social, de violação de direitos, cujos desdobramentos atingirão de forma brutal a vida dos sujeitos sociais.

Esse cenário árido é narrado pela voz que ecoa das crianças, dos adolescentes, jovens, seus respectivos familiares e moradores de forma geral durante os processos dos trabalhos artísticos já desenvolvidos e demarcam o lugar desses sujeitos sociais, reconhecidos agora como protagonistas, pois como bem destaca Martinelli (2019, p. 37) "a história não se faz por si só, somos nós que a fazemos com nossas próprias histórias, com nossas lutas políticas e sociais, pois somos realidade e somos palavra".

Desse modo, partimos do pressuposto de que há uma relação educativa, reflexiva, formativa e crítica, na oferta das atividades artísticas em territórios considerados periféricos e mais expostos as expressões da questão social, seja pela sua localização geográfica, seja pela invisibilidade que esses ocupam na política social. Essa perspectiva reside no reconhecimento de que uma vivência cultural é expressa de diferentes formas e possibilita aos sujeitos à reflexão e construção de conhecimentos sobre o mundo que os cercam, ressignificando os espaços que vivem e sua colocação nesses contextos, enquanto sujeitos sociais.

Sobre isso, Scherer (2013) aponta:

A arte mostra-se como um elemento que tem capacidade de incidir contra os processos de alienação porque faz com que o indivíduo se perceba em sua totalidade, como ser social, e dá possibilidade a este indivíduo de se manifestar de uma maneira única, própria, reconhecendo-se no que produz. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como também transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana, mais hospitaleira para a humanidade (SCHERER, 2013, p. 75).

Dessa maneira, evidencia-se que o uso das manifestações artísticas é uma possibilidade rica de sensibilização dos sujeitos, instigando reflexões sobre os processos de alienação as quais os mesmos estão expostos. Desse modo, através do protagonismo e construção de um posicionamento crítico, esses sujeitos sociais, antes invisíveis passam a atuar como sujeitos agentes transformadores da realidade.

Nesse sentido, ressalta-se a importância do Sambavida enquanto mecanismo de aproximação com as diferentes linguagens artísticas, para tanto, apresenta-se nesse momento, dados colhidos durante a execução de uma pesquisa realizada com os familiares das crianças e adolescentes, integrantes do projeto em discussão, que revelou um dado importante: 90% dos participantes tiveram o primeiro contato com alguma manifestação artística após a sua inserção no Sambavida, assim como seus respectivos familiares (BONALUME, et.al., 2018).

A pesquisa também indicou que a participação das crianças e adolescentes trouxe contribuições na formação escolar, 41,18% dos entrevistados, disseram que os filhos tiveram melhora no desempenho e na aprendizagem, 19,61% apontaram melhor na sociabilidade e 17,65% afirmaram que os filhos estavam mais responsáveis e dedicados aos estudos; sinalizando assim, como o acesso à arte também pode ser promotora de cidadania (BONALUME, et.al., 2018).

Importante pontuar que esses dados ganham maior significância à medida que o cenário escolar aqui tratado apresentava nota do IBED (Índice de Desenvolvimento de Educação

Básica) abaixo do esperado e essa nota vem sendo aumentada a cada ano a partir da inserção dos alunos nas atividades artísticas. Atualmente 100% das crianças e adolescentes inseridas no Sambavida encontram-se matriculadas regularmente na rede oficial de ensino. Em 2019 apenas 1 aluno foi retido em decorrência de problemas de aprendizagem e já está recebendo acompanhamento necessário e, há cinco anos, não se registra caso de evasão escolar.

Além disso, baseando-se ainda, nos dados da pesquisada referida, 19,61% dos familiares afirmaram que a participação nas atividades artísticas, estimulou a responsabilidade e o desenvolvimento pessoal, social da criança/adolescente; 39,22% sinalizaram que essa participação atua como fator de proteção frente aos riscos sociais as quais estão submetidos; e, 31,37% enfatizaram a aquisição de novas aprendizagens que as atividades possibilitam (BONALUME, et.al., 2018).

Diante desses dados, torna-se imprescindível destacar, a importância da presença de outras esferas de socialização, diferentes da escola formal como espaços não-formais de educação, de arte-educação e de cultura para crianças e adolescentes das classes populares. A arte é uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursiva e científica (BARBOSA, 2008).

Além disso, a arte na perspectiva da educação reflete a necessidade de uma educação para um fruir artístico que ultrapasse nossos costumes, dentro dos ditames da sociedade do capital, que nos leva a apropriação do que nos é exposto sem envolvermos nossos sentimentos, nossa gênese, nossa reflexão e intervenção. Sendo assim, a arte se constitui como um complexo de vértices que inferem diretamente no diálogo, no saber profissional e científico, na reflexão, ação e expressão do indivíduo (BARBOSA, 2008).

Essa perspectiva está em consonância com a educação problematizadora e libertadora referenciada pelo patrono da educação brasileira, Paulo Freire, pois para o pedagogo, a criação, atuação, questionamento, crítica e diálogo são elementos essenciais no processo educativo. E é nesse diálogo coletivo entre educador e educando que se constrói e se aprende novos conhecimentos pois “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 68).

Nesse sentido, para Freire, os processos educativos precisam estar intrinsecamente vinculados ao movimento constante de desvelamento da realidade, visto que, é nesse momento que há a emergência de novas formas de leitura de mundo, baseadas na consciência crítica, que proporcionam ao sujeito sua inserção no contexto enquanto sujeitos sociais, históricos e transformadores da realidade opressora (FREIRE, 1987).

Dito isso, destacamos que o processo da vivência artística, mediada por diferentes linguagens como teatro, a dança, a música, a literatura, adquire concretude no cotidiano de crianças e adolescentes provocando rupturas na realidade silenciada pela supressão da criatividade, para livremente expressar uma nova comunicação com vozes singulares e coletivas.

## **A arte como possibilidade de uma contra-hegemonia**

“A arte existe porque a vida não basta” (FERREIRA GULLAR, 2010).

Pensando na produção e reprodução do capital e sua desigual distribuição como cerne dos problemas sociais, bem como o modo de exploração e exclusão social engendrados nessa orbita, corroboramos com o pensamento marxista de que o sistema capitalista transforma tudo aquilo que está em torno dos sujeitos sociais em mercadoria, alienando assim as dimensões da vida, que passa a ser regida pela lógica do lucro.

Evidentemente isso repercute diretamente na vida do trabalhador, uma vez que alienado de si mesmo, o trabalhador não se reconhece, não se identifica enquanto ser social e genérico e, conseqüentemente, tem diminuídas as possibilidades de formação e pensamento

crítico, aspectos esses fundamentais para a expansão e a manutenção do poder hegemônico do sistema capitalista, à medida que alienado do processo de exploração, torna-se ainda mais fácil a sua subordinação e a dominação de uma classe sobre a outra. Nesse sentido, corroboramos com Scherer (2013, p. 57) ao afirmar que:

O processo de alienação é um processo de dominação, em que uma classe se apropria da vida humana, separa a dimensão humana do homem, para melhor domina-lo, sempre tendo como finalidade o lucro, a geração de excedentes. O homem nesse contexto, é separado da função criadora, é separado do seu caráter humano-genérico, sua vida é transformada em mercadoria para ser vendida na lógica do sistema capitalista.

Nessa mesma direção, com base no pensamento marxista, Konder afirma que: “a sociedade capitalista é a sociedade em que a alienação assume, claramente, as características da reificação, com o esmagamento das qualidades humanas e individuais do trabalhador por um mecanismo inumano, que transforma tudo em mercadoria” (2009, p. 130). Assim, no trabalho alienado e estranhado o trabalhador perde o controle sobre sua própria força de trabalho ao vendê-la apenas como mais uma mercadoria: “o trabalhador baixa à condição de mercadoria, a mais miserável mercadoria” (MARX, 2010, p. 79).

Estas são questões centrais nos debates sobre o trabalho, que evidenciam uma tendência sempre presente de “coisificação” do trabalhador na esfera produtiva e da sua expropriação como característica essencial da expansão das relações sociais capitalistas. Revela que “o capital, em seu movimento de valorização, produz a sua ‘invisibilidade do trabalho’ e a ‘banalização do humano’, condizente com a indiferença ante a esfera das necessidades sociais e dos valores de uso” (IAMAMOTO, 2015, p. 53, grifos da autora). É neste momento que ‘coisificado’ o homem atua como braço de um sistema que o desconecta da sua identidade crítica e o brutaliza, fazendo dele engrenagem de um mecanismo complexo e desumano de produção de riqueza para outrem.

É neste contexto que se desvela a arte e as manifestações artísticas como instrumentos da construção de uma contra-hegemonia, como um processo crítico de ruptura com esses mecanismos de manutenção de controle. Os sujeitos quando conscientes da dimensão social da sua existência são agentes transformadores da sua realidade, não mais aceitando as coisas como são postas, mas, relendo e ressignificando a realidade, são mais aptos para suplantá-la através da participação e do protagonismo.

Desse modo, o uso das manifestações artísticas em suas variadas formas: teatro, dança, música, cinema e literatura, são potentes possibilidades para sensibilizar os sujeitos sociais para percepção dos processos em que estão inseridos de exclusão e alienação, abrindo caminho, portanto para novas formas de enfrentamento. Nesse sentido, conforme nos apresenta Boal: “o artista mostra o escondido, não o óbvio, e nos faz entender através dos sentidos – torna consciente o que estava em nós impregnado” (BOAL, 2009, p. 57), contribuindo para que, por meio da arte, os processos emergjam, sejam reconhecidos e transformados.

Estas manifestações artísticas são, em última instância possibilidades. Para além de conteúdos ensinados, a vivência que nelas se desenrola abre espaço para muita discussão e aprendizagem coletiva, e descortina um olhar para a vastidão da vida humana.

Constituem-se espaços pedagógicos de construção do conhecimento levando em conta todas as dimensões da vida, a humanização das relações, nas quais a confiança e fortalecimentos dos vínculos propiciam releituras do mundo. As problematizações no campo da razão e da subjetividade dialogam com a realidade concreta de cada adolescente inserido num contexto sócio histórico. Nas palavras de Lukács, “a verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento” (2011, p. 105).

Para contextualizar essa discussão, frente a experiência empírica das autoras, destacamos o trabalho realizado com o grupo de coral do SambaVida, que se resultou no espetáculo “Quando elas transgridem, transbordam e transformam”.

O trabalho é fruto da construção de um espaço coletivo e crítico para pensar a questão

de gênero em um tempo presente marcado pelo retrocesso dos direitos sociais e avanço sem precedentes do conservadorismo e da moralidade. Nesse sentido, destacamos que a urgência e a necessidade de se criar espaços de resistência e enfrentamento que ampliem as possibilidades de empoderamento feminino, para que de fato, a igualdade de gênero, a liberdade e a desnaturalização das relações de poder se tornem possíveis.

O espetáculo foi composto por músicas cantadas e/ou interpretadas por mulheres brasileiras, trazendo à tona a ancestralidade, a diversidade existente dentro universo “ser mulher”, bem como a forma como a vida dessas diferentes mulheres são marcadas e atingidas pelas múltiplas faces da violência. Assim, no palco, a poesia se mesclou com as expressões de resistência para trazer à tona o debate em torno do universo feminino, da violência de gênero e a forma histórica como essa atravessa a linha do tempo e se faz presente na cena contemporânea, em sua mais perversa face.

A ideia de envolver a temática mulher e as questões de gênero teve origem com o próprio grupo de Coral, que é composto, em sua maioria, por jovens mulheres. Essas integrantes traziam para as atividades suas indignações e críticas sobre os papéis de gênero, imposições, opressões e processos violentos que permeiam o cotidiano de mulheres.

A partir da problematização e definição desse tema inicia-se uma intensa busca por mulheres cantoras ou compositoras que marcaram a música brasileira, juntamente com essa pesquisa iniciam-se os estudos sobre a vida dessas mulheres, suas músicas e contextos em que surgiram. Esses materiais foram compartilhados nos encontros que ocorriam com periodicidade semanal e, coletivamente, o grupo discutia os conteúdos encontrados e selecionavam músicas para o repertório.

Através desse processo de estudo das canções, escolhas e delineamento do repertório, inicia-se então a produção musical a partir da organização dos tipos de vozes, projeção vocal e afinação. Posteriormente, foram construídos textos que contemplam a força feminina e a violência de gênero como expressão de uma sociedade estruturada pelo patriarcado, calcada no racismo e na opressão de classes. Dentro dessa perspectiva é que cenas com diferentes linguagens artísticas são construídas e além do canto, o teatro, a percussão e elementos da dança passam também a tecer o espetáculo.

E foi no canto e na poesia dessas vozes tão juvenis que ecoou o grito para buscarmos coletivamente uma nova sociabilidade, na qual possamos ser verdadeiramente livres, sem violência, sem mortes, sem feminicídio. E foi nesse lugar de fala, que vimos a arte transbordar e (re)significar o palco também como espaço de luta, de voz, de vida.

Podemos, assim, dizer que a arte pode contribuir para superar gradualmente níveis de alienação. Isto porque a arte mostra-se como um instrumento de trabalho que tem potencial para suscitar reflexões críticas em um processo de sensibilização dos sujeitos. Desta forma, a arte contribui para que as pessoas repensem sua realidade e ao fazer isto: [...] abrem-se as cortinas para uma nova concepção, dando possibilidades reais de o indivíduo pensar criticamente, possibilitando o rompimento do senso comum e rejeitando os processos de alienação (SCHERER, 2013, p. 84).

É, portanto, nesse contexto que estamos e somos instigados (as) a pensar sobre outros e novos projetos de vida para adolescentes e jovens, utilizando como estratégia as diferentes manifestações artísticas.

## **Considerações Finais**

O tempo presente é pleno de desafios principalmente diante de todas as transformações decorrentes do cenário econômico, político e social contemporâneo e que tem afetado diretamente a condição de vida da população, a esse soma-se os adolescentes e jovens, por essa razão, torna-se imprescindível a busca por estratégias, alternativas e criativas que possibilitem novas respostas as demandas que se apresentam.

Desse modo, o uso da arte como instrumento de trabalho com adolescentes e jovens, pode contribuir com o empoderamento dos sujeitos bem como possibilitar espaços de trabalho alicerçados na promoção, emancipação e formação crítica e reflexiva dos envolvidos, além de ampliar o olhar para o cotidiano das expressões da questão social.

Através da arte, busca-se o desenvolvimento da criatividade, a espontaneidade, a inte-



ligência, a linguagem, o prazer de realizar algo e a autoconfiança, sendo estes elementos imprescindíveis para o desenvolvimento educacional, pessoal, social e cidadão dos sujeitos. Por essa razão, podemos assim dizer, que a arte possibilita trazer à cena saberes antes invisíveis, habilidades muitas vezes escondidas, que vão sendo traduzidas em múltiplos aportes culturais, tão necessários no diálogo com a escola, a família a sua comunidade e seus pares.

Além disso, trabalha-se para que os adolescentes e jovens ao cantar, interpretar, dar um salto, tocar um instrumento, não desafie apenas o seu corpo, mas possa compreender os desafios da vida, podendo assim, se desenvolver cada vez mais e ampliar inclusive seu projeto de vida, para que a partir disso, possa afastar-se de situações de riscos, tendo em vista o cenário onde estão inseridas.

## Referências

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. *In: FREITAS, Maria Virgínia de (Org.) Juventude e adolescência no Brasil: referencias conceituais.* São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 19-35.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte.** São Paulo: Editora Cortez, 4 ed., 2008.

BOAL, Augusto. **Estética do Oprimido.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n.62, p. 26-43, 2004.

BONALUME, Bruna Carolina, et. al. Adolescência em cena: vivencias artísticas em tempos de barbárie. *In: Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social.* Vitória- ES: ABEPSS, vol. 16, nº. 1, 2018, p. 1- 15.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília-DF, 16 jul. 1990.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Diário Oficial da União, Brasília- DF, 6 ago. de 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IAMAMOTO, Marilda Villela. A questão social no capitalismo. **Rev. Temporalis.** Brasília, v. 2, n.3, p. 9-32, 2001.

\_\_\_\_\_. **Serviço Social em tempo de capital de fetiche:** capital financeiro, trabalho e questão social. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KONDER, Leandro. **Marxismo e alienação:** contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

LUKÁCS, George. **Arte e Sociedade.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

MARTINELLI, Maria Lúcia. História Oral: exercício democrático da palavra. *In: Martinelli, Maria*

Lúcia *et. al* (Org.). **A história oral na pesquisa em Serviço Social: da palavra ao texto**. São Paulo: Cortez, 2019, p. 27-40.

MARX, KARL. **Manuscritos econômicos - filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. 4. reimpr. São Paulo: Boitempo, 2010.

SCHERER, Giovani Antônio. **Serviço social e arte: juventudes e direitos humanos em cena**. São Paulo: Cortez, 2013.

Recebido em 08 de dezembro de 2020.

Aceito em 12 de fevereiro de 2021.